

APROVEITANDO OS NOVENTA ANOS DE CHEGADA DOS ESTJGMATINOS NO BRASIL, vamos apresentar trechos tirados dos BERTONIANOS ANTIGOS, que nos mostram o espírito de sacrifício dos NOSSOS PIONEIROS nos sertões de TIBAGI.

Pe. Ferruccio Zanetti (17.06.1881 - 20.07.1945) chegou ao Brasil, direto para Tibagi, aos 07 de dezembro de 1912, e lá permaneceu até o início de março de 1934, quando entregou “a nossa casa de Tibagi aos Padres Redentoristas da América do Norte” (B. 7-9, 1934 – pág. 368).

Escreve o cronista de S. Benedito - Campinas: “No dia 05 de janeiro (1929) chegou do berço das Missões Estigmatinas sul-americanas o intrépido missionário Pe. Ferruccio Zanetti, que, com muito zelo, amor e sacrifício dirige aquela importantíssima missão; missionário intrépido, e com razão, chamado “o apóstolo do casamento religioso e martelo do casamento civil” (B. ab-jun., 1929 – pág. 81).

“Em julho e agosto p.p. (1928), uma parte da paróquia de Tibagi foi visitada pelo Bispo D. Tadei, acompanhado pelo Fe. Ferruccio... cheio de entusiasmo pelas capelas de Tibagi, sentiu a necessidade de fazer um elogio rasgado pelo zelo dos nossos padres, mas especialmente do Apóstolo do casamento Pe. Zanetti...” (B. J.F.M. . 1929 –pág. 31).

(Tiramos de uma carta do Pe. Ferruccio Zanetti a um confrade):

... Sinto não ter podido, por causa das viagens quase contínuas, responder logo sua carta. Faço hoje às vésperas de uma outra viagem que se prolongará até o dia 11 de outubro. Seria melhor dizer: às vésperas de quatro viagens que se prolongarão até a vigília do... Natal. Porque à viagem acenada, terminando no dia 11 de outubro, seguirá uma segunda de 13 a 31 de outubro, depois uma terceira de 04 a 26 de novembro, e finalmente uma quarta de 29 de novembro a 24 de dezembro. Já enviei os "avisos" pela imensa paróquia: e troveje ou faça bom tempo, é preciso obedecê-los cegamente. E assim transcorre a vida: no momento, aqui, não existe outros campos para cultivar... mas este é muito grande, ingrato e espinhoso, que apenas existe tempo para capiná-lo muito simplesmente. Oh! Se na Itália se conhecesse por todos os sacerdotes as prementes, as assustadoras necessidades religiosas deste Brasil, quantos atravessariam o oceano, não sobre o veloz "Júlio César", mas de avião... Quanto a mim, creio que faltaria gravemente ao preceito "Euntes docete omnes gentes", se voltasse ou mesmo só desejasse voltar (salva sempre a obediência) para a Itália... Neste ano e meio, desde o dia que voltei para a missão de Tibagi, percorri em lombo de mula, cerca de 4000 km, batizei 2500 crianças, celebrei 400 matrimônios, e tudo o mais proporcionalmente. Trabalho que apresentado em duas linhas parece pouco, mas que me fez sentir cansaço. Em compensação, Deus me deu uma saúde de ferro, apesar dos meus 43 anos, já batidos. E, nesses dias Ele teve piedade , não tanto de mim, quanto do povo da pobre Tibagi, enviando na pessoa do Pe. (Alexandre) Acler um operário robusto e de pulso... Agradeçamos a Deus, aos SS, Esposos e ao Venerável...

Agradeço-lhe o cartão postal com o missionário a cavalo. Encontrei aí o meu retrato e o retrato daqueles, que como eu, estão ou virão a Tibagi. Quantas vezes fui obrigado, debaixo de

uma chuva torrencial (aqui, não se faz caso do guarda-chuva) passar a vau rios bastante profundos. Recordo-me de haver passado um rio (Rio do Peixe) perdido pelo mundo no meio de um matagal imenso, habitado por tigres, leões, serpentes e outros que tais, cujas águas eram tão profundas (o rio largo como o Adige) que fui obrigado a colocar as pernas sobre o "PESCOÇO" do cavalo, e isso ainda não valeu, porque a água foi tão indiscreta que passou sobre a sela e atingiu-me... em outro lugar. Encontrei logo um remédio: atravessado o rio tirei a batina (veste talar) - não havia perigo de escandalizar as... plantas - e a estendi para enxugar sobre o "cargueiro", isto é a mula carregada, tendo em cima, de um lado o altar e de outro o guarda-roupa, duas caixas oblongas, iguais, forradas de couro de boi, e o conjunto recoberto com um outro couro de boi - inteiro e solto - chamado "ligal". Ainda bem que em Tibagi não faz frio e o sol tropical enxuga em poucos instantes.

O missionário do cartão é muito feliz, acompanhado como está por seis pessoas, embora sejam simples. O missionário de Tibagi, ao contrário, tem um único companheiro, o sacristão, que tendo de cuidar do próprio animal e do "cargueiro", não pode se interessar pelo padre: é preciso que ele se arranje por si mesmo...

Reze, caríssimo padre, e faça rezar para que Deus suscite em muitos corações, vocações para as missões do Brasil e, naqueles que podem, a vontade e os meios para executá-la." (B. jul.-set., 1929 – págs. 61-62).

MODELO DO AVISO:

J.M.J

Ilmo. Snr.

*Participo-vos que no dia _____ do p.v. mês de _____
estará ahi o Padre para os solitos
serviços religiosos*

Peço-vos avisar o povo.

Com estima.

Tibagy, _____ de _____ de 192____.

O Padre chegará no dia,(.....) de 192 vindo de
O Padre sahirá no dia..... (.....) de 192,... indo para



Um dos primeiros a chegar ao Brasil, PE. HENRIQUE ADAMI (16.11.1883 - 23.09.1973) contava 27 anos. Cheio de juventude, de coragem de confiança em Deus e vontade de fundar uma “MISSÃO ESTIGMATINA NO BRASIL”, conta na sua Crônica, quanto lhe foi custoso o início. Lembremos alguns trechos.

“Fomos para a estação (Rio de Janeiro) e adquiridos os passes coletivos, partimos (Pe. Grigolli, Ir. Domingos e os emigrantes italianos). O trem é todo nosso. Os vagões são pequenos e sujos: a bitola é de um metro só e a velocidade é reduzida; e assim após uma noite e um dia de viagem, chegamos a Sete Lagoas - MG”.

“Na manhã seguinte perguntamos, inventando palavras portuguesas onde ficava o pequeno seminário ou colégio. Riram na nossa cara. Que seminário? Que colégio? E se olhavam entre si”. (N.M.-V.I-F.I-p.16).

Foram tapeados. “Pe. Grigolli e eu procuramos acalmar, pacificar um pouco os emigrantes. Encontramos Pe. Sanson (que os trouxera), e Pe. Alexandre lhe disse o que precisava, e sem ouvir conversas, sabendo que havíamos sido enganados, tomamos o primeiro trem para Ouro Preto e Mariana a fim de ver e falar com o Bispo que morava naquela cidade” (N.M. - p.17).

“Ao meio dia chegamos em Mariana e nos dirigimos logo ao palácio procurando o Bispo. Pouco depois nos encontramos diante dele. Ficamos um pouco espantados, pois ele era quase negro, e abrindo os braços nos disse: - Ó padres como vão? Que belas notícias me trazem? Falando em italiano perfeito.

“Abrimos nosso coração com o Bispo, e lhe contamos toda nossa história e a de todas aquelas famílias que conosco vieram da Itália. Ao ouvir-nos ficou maravilhado e derramou lágrimas. Muito bem, disse, finalmente, vocês ficarão aqui comigo e terão comida e trabalho”. (N.M.- p.18).

Mas não foi bem assim. Pe. Alexandre partiu para S. Paulo a fim de encontrar os Escalabrinianos e Ir. Domingos ficou na casa de um sobrinho de Pe, Sanson.

Sozinho, em Mariana, Pe. Henrique desabafa:

“Que dias terríveis! Que horas horrorosas! No meu quartinho sozinho, como um condenado a dura prisão, longe dias e dias de trem, dos meus companheiros, perscrutava o crepúsculo através da janela; nada havia que pudesse alegrar-me. Diante de mim um pasto imenso; lá no fundo dois negrinhos brincando; longe, uma cisterna onde alguém vinha buscar água... Nem um barulho, nem um canto... nem um pouco de alegria... triste... triste... com o pensamento na Itália, no Brasil... nos queridos distantes... no futuro incerto, confuso... Chorei! e o fiz muitas vezes! Porém, NEM UM INSTANTE DE ARREPENDIMENTO, NENHUM DESEJO DE VOLTAR PARA A ITÁLIA; NÃO - DEUS O QUIS, OS SUPERIORES ESCOLHERAM NÓS DOIS JOVENS, PARA COMEÇAR A OBRA NO BRASIL. E A OBRA DEVE SAIR. DEUS ESTAVA CONOSCO!” (N.M. - p. 19).

Finalmente Pe. Henrique veio para São Paulo encontrar-se com o Pe. Alexandre e Ir. Domingos, na casa dos Escalabrinianos.

E ele continua: "De vez em quando aparecia um Missionário que vinha de longe; e nós, admirados, o bombardeávamos com perguntas, ficando sempre com água na boca. Eles nos animavam, nos asseguravam que o bom Deus e o Venerável Anchieta, primeiro missionário Do Brasil, não permitiriam que dois sacerdotes, jovens e cheios de boa vontade como nós, voltássemos para a Itália por não terem encontrado um lugar para trabalhar". (N.M.,- p. 20).

Chegou um dia o Superior Geral dos Escalabrinianos, Pe. Domingos Vicentini, ex-estigmatino e nos ofereceu Tibagi: "Lá estão meus padres, mas eu devo tirá-los". "Em Tibagi terão uma paróquia missão". Aceitamos.

"Ao amanhecer os dois (Pes. Vicentini e Alexandre) partiram para Curitiba, e nós (Ir. Domingos e Pe. Henrique) na igreja, a pedir ao Bom Deus, a Nossa Senhora, ao nosso Venerável, ao Ven. Anchieta e a todos os santos do Paraíso, para que tudo saísse bem e aquela missão nos fosse confiada pelo Bispo". (N.M. - p. 29).

"E assim se rezava e esperava, não cuidando mais nem da comida, nem do sono. Finalmente depois de dois ou três dias, não me recordo bem, chega um telegrama de Curitiba! Peguei-o com as mãos trêmulas... o coração me saltava no peito... abri a folha na presença do Ir. Domingos, e li: "TIBAGI É NOSSO!", assinado: Pe. Alexandre.

"Um grito de contentamento retumbou em nosso quarto'. Não vimos mais nada, e corremos para a igreja a fim de agradecer o Bom Deus e todo o Paraíso, pelo benefício recebido". (N.M.- p. 30).

Partiram dias depois para o Paraná, e finalmente: "Chegamos a porta da casa dos Padres (em Tibagi) à uma e meia da tarde do DIA 28 DE MARÇO DE 1911". (N.M.-p. 35).

Acertadas as transferências e adquirido (sem dinheiro) tudo o que pertencia aos Escalabrinianos, "o dia 26 de abril foi de grande festa!" Foi muito íntima, mas grande festa! "Missas em ação de graças, almoço reforçado e muita alegria!"

"Virão dias de abstinência forçada; os dias em que não poderemos comer, mas... hoje, porém, passemos bem!" (N.M.-V.I-F.I - p. 38).



E assim, depois de 115 dias de apreensão, ansiedade, mas com muita fé em Deus, terminou a primeira parte da odisséia.



PE. ALEXANDRE GRIGOLLI, um dos primeiros, retornou à Itália em 1919, para o 20º Capítulo Geral. “Depois do Capítulo continuou na Itália e foi destinado a Milão, onde em 1920 foi criada a paróquia de Santa Cruz, da qual foi o primeiro vigário. Em 1924 retomou ao Brasil, indo unir-se ao Pe. Pelanda na recém-criada paróquia de São Caetano”.

Vamos apresentar um dos momentos mais difíceis da comunidade em Tibagi, e, principalmente do Pe. Alexandre.

No final de 1913» voltando de uma viagem pelo interior Pe. Alexandre e Pe. Henrique foram surpreendidos e quase cercados por um incêndio na mata. Depois de muita correria conseguiram, atravessar o perigo. Logo adiante param à beira de um riacho para beber e refrescar-se. Mais ou menos uma hora depois “Pe. Alexandre dá um grito e para por causa de uma fortíssima dor no joelho. Não sabemos explicar; talvez o cansaço; Talvez o calor do fogo em contraste com a água fria do riacho! Esperando que passasse continuamos a viagem”. A noite pararam numa casa mas a dor continuava e a febre subia. Médico por perto não havia. Os remédios caseiros não surtiam efeito. O joelho “estava inchado de um modo impressionante, e mesmo o rosto estava transformado!”

Depois de cinco dias chegam em Tibagi. Pe. Alexandre vai para a cama e Pe. Henrique até Castro buscar o médico.

Acompanhado do Dr. Scheliga Sheligowski retorna para Tibagi. Após exame o médico não sabe o que é. Seria necessária uma pequena cirurgia que deveria ser feita em Castro. Dois colchões em cima de um carroção e lá foram para Castro. Quase dois dias de viagem. Temendo gangrena o médico operou logo. Aliviou um pouco. “Daquele joelho saiu quase um balde de pus”.

Pe. Alexandre ficou na casa do vigário de Castro Pe. Casimiro Andrejewski durante um mês, cuidado pelo médico. “O médico faz o melhor, mas a doença não parece melhorar. Abriu-lhe uma grande ferida, raspou-lhe mais uma vez o osso do joelho, desinfetou com água oxigenada; mas depois de algumas semanas constatou-se que o progresso para a cura é quase nulo. Será que o médico não descobriu a doença? Certamente alguma coisa não vai bem! No entanto Pe. Alexandre definha e está muito desanimado”.

Resolveu-se levar Pe. Alexandre para Ponta Grossa e entregá-lo ao Dr. Burzio, que diziam ser um bom médico. “Dr. Burzio examina, pergunta, etc. e comenta com desaprovação o tratamento feito. Começa um novo tratamento, abre a ferida, corta, raspa, com que tortura para Pe. Alexandre se pode imaginar. ... Após uma semana Pe. Alexandre passa por uma operação difícil. Começa a melhorar bem e depressa”.

Até hoje não se sabe o que possa ter sido. No início pensou-se que fosse reumatismo, mas os médicos não conseguiram descobrir sua origem.

O que é certo é que Pe. Alexandre depois de ficar bom, guardou sempre uma lembrança daqueles dias difíceis e dolorosos, em que muito se assemelhou ao Fundador: coxeou até o fim da vida!

A doença, porém, teve uma conseqüência positiva. Pe. Henrique escreve: "Eu vendo quanto era difícil para todos uma doença ou outra coisa qualquer, propus ao Pe. Alexandre, fundar uma nova casa no Estado de São Paulo. Lá estaremos num mundo civilizado; poderemos em caso de doença, ter melhor tratamento e depois para expandirmo-nos, pois ainda virão da Itália outros missionários e poderemos firmamo-nos melhor e fazer um grande bem". (Havia a promessa da Itália de um novo padre: Pe. João Batista Pelanda).

"Apareceram algumas dificuldades, mas não são insolúveis; tratava-se de nos dividir por quanto tempo!? E depois? Seria possível? Mas considerando que se tudo corresse bem seria ótimo, e em caso contrário não seria mal, já que tínhamos o nosso trabalho (e que trabalho!) em Tibagi, decidiu-se afirmativamente. Então parti para São Paulo".



(Nossa Memória - Vol. I. – Fasc. I. – págs. 86-87).

IRMÃO DOMINGOS VALZACCHI

Ir. Domingos foi o Paulo Zanolli da Fundação no Brasil. Fac totum e companheiro constante dos padres nas primeiras provações.

Chegados a Tibagi “Ir. Domingos começou logo a cuidar dos animais e da horta. E iniciou levando milho para os cavalos no potreiro”. Apaixonou-se por uma mula, batizando-a com o nome de Josefa. Matava as formigas e passou a semear as sementes que trouxera da Itália e de S Paulo. Plantou frutas de várias qualidades. Com a verdura criava galinhas e perus, e tinha alimento para os porquinhos da Índia; e no domingo à tarde, seu prazer era passear ao longo do rio, talvez, “procurando diamantes”. Depois da compra do carro pelo Pe. Ferrúcio, era o abridor de porteiros, consertador de estradas, etc.

Às vezes acompanhava os padres em alguma viagem de missão. “Destas vezes faço a viagem com o Ir. Domingos que me serve de sacristão. Ele se admira de tudo; é de boa prosa, à tarde após a reza, com os caboclos, não se espanta com a comida; dorme bem na terra sobre couros e pelegos. Lamenta-se tão somente da sela que é meio dura e lhe produz uma ferida na parte sul, o que o obriga a cavalgar meio de lado. Tenho dó dele, coitado! Mas é preciso passar por essas provas para ser bom cavaleiro e forte para tudo”.

Numa das viagens passou por uma verdadeira odisséia: (23-02-1925) “Às 14 horas improvisamente chega Pe. Ferrúcio de Campina Alta com uma triste notícia: Ir. Domingos, ontem pelas 10 horas da noite foi picado no pé esquerdo por uma das mais venenosas serpentes, a “jararaca” e está em perigo de vida. Imediatamente se corre à farmácia e ao fiel Bonifácio. Duas horas depois partiam de Tibagi duas comissões ao mesmo tempo. Uma formada pelo Pe. Ferrúcio com o farmacêutico levando o soro antiofídico diretamente para Campina Alta em socorro do ferido, e uma outra pelo Pe. Alexandre Acler e o Bonifácio, diretamente para onde o povo estava esperando o padre. Um carroceiro saiu mais tarde em busca do ferido. 24. À meia noite, mal havia acabado as folias do carnaval, para uma carroça diante da casa. E logo se vê Ir. Domingos apoiando-se em duas muletas toscas, descendo trabalhosamente da carroça e entrar. Ainda uma vez graças a Nossa Sra. dos Remédios, ele estava salvo! Tinha porém a perna muito inchada e estava extenuado pela desastrosa viagem. No dia 25, o farmacêutico visitando o doente percebe que a perna, por causa da apertadíssima amarração nas primeiras 24 horas, corria risco. 26. Ir. Domingos foi levado a Ponta Grossa. 28. Visitado pelo Ir. Carlos Valenti de passagem, foi encontrado fora de perigo”. (Bert. Jan.Jun. 1925 p. 26). O perigo da prevenção foi pior que o perigo da jararaca. E... vejam como era a assistência à saúde, naquele tempo!

Permaneceu em Castro e Tibagi, com uma rápida saída, de 1915 a 1931.

(Nossa Memória - Vol.1 - Fasc.1 - pg. 39)



BONIFÁCIO

“Bonifácio é um bom homem de quarenta anos; trabalha de folheiro, mas está sempre pronto para acompanhar os padres nas viagens de Missão, desde os tempos dos Padres Escalabrinianos. É solteiro, tem a mãe, uma irmã e dois irmãos. Estes últimos o ajudam no trabalho e todos cooperam para o sustento da velha mãe, que adoram, e da irmã. Bonifácio é o sacristão da Missão. Ir. Domingos é o sacristão de Tibagi, fica em casa na companhia dos padres, e tem uma infinidade de ocupações, como foi dito antes”.

(Nossa Memória - Vol.1 - Fasc. 1 - pág. 44).



IRMÃO CARLOS VALENTI

Ir. Carlos é de uma outra leva que muito influenciou na nova Fundação. Foi o companheiro dos fundadores da Escola Apostólica de Rio Claro onde viveu de 1920 até 1930, quando retornou para a Itália.

“Ativo e esperto. Foi o mantenedor da incipiente Escola Apostólica de Rio Claro. Possuía uma pequena camioneta e com ela rodava todos os bairros de Rio Claro e até de outras cidades, como Piracicaba, em busca de alimentos (e às vezes trazia até os consumidores dos alimentos). Desde o tempo da construção do Colégio foi sempre o recolhedor de donativos. Além dos pedidos, fazia rezas nas capelas, com pregação e tudo. Chamavam-no de ‘Pe. Carlos’. Dizem que pregava sempre de roquete e estola no braço. E sempre conseguia driblar para não rezar missa e atender confissões”. (N.Memória - Vol.2 - Fasc. 1 - p. 357).

“Ir. Benjamim Correr ainda (1980) se lembra dele quando ia a Sta. Olímpia. Todas as noites fazia um sermãozinho, onde se entusiasmava a ponto de ficar vermelho. Ficou-lhe gravada na lembrança uma prática sobre o Filho Pródigo. Na sua simplicidade contribuiu muito para a manutenção e formação dos primeiros aspirantes, substituindo muitas vezes seus formadores (Professores Luiz Pissetta e João Batista Consolaro).

Foi o primeiro a construir, com o auxílio dos donos dos terrenos (com escritura e tudo), uma estrada carroçável de Rio Claro até a Fazenda Santana. Inaugurou-a com o seu "Santa Maria" (a camioneta) aos 11 de julho de 1928, um mês antes da inauguração oficial pelas autoridades. Tinha exatamente 23 quilômetros". (idem - p. 358).



PE. JOÃO BATISTA PELANDA

Da Crônica de Pe. Adami (N.M. vol. 1, Fasc. 1, p. 94) sobre o Pe. João: "Chegou o dia em que a Itália entrou em guerra junto com os Aliados. Muitos filhos de italianos partiam para ir combater na Itália. Nós tínhamos ordem de não nos mexermos; como Missionários, não seríamos declarados nem insubmissos, nem desertores; mas Pe. Pelanda, como bom italiano, quis cumprir seu dever, como dizia, e quis partir para a Itália, para a guerra, dizendo a todos, especialmente às meninas das Irmãs do Orfanato do Ipiranga: como é belo morrer "com a espada na mão e a fé no peito!" Pobrezinho! Tinha saudades da Itália e aproveitava, a ocasião para revê-la; mas, apenas apresentado, o mandaram de volta; E houve quem riu e muito!"

"Quem ler inadvertidamente as crônicas de Pe. Adami, pode ficar com uma leve impressão de que o Pe. João foi um religioso que nunca 'pegou firme no batente', por ser filhinho de papai (o pai era comendador), por ser idealista (voltou à Itália para fazer a guerra) por ser imprudente (problemas da paróquia). Mas não é verdade. Pe. João foi um bom elemento naqueles inícios".

"Resumir em poucas palavras o quanto Pe. Pelanda fez em Castro não é trabalho fácil. Tomou posse da paróquia aos 12 de fevereiro de 1921; encontrou um ambiente hostil, mas com sua firmeza e com sua vida exemplar conseguiu vencer os obstáculos e as dificuldades". (B. ma.jun - 1923 - P. 57).

"É importante salientar o quanto deve a nossa Fundação ao Pe. Pelanda. Graças ao seu interesse e ao seu esforço a casa de Rio Claro não foi fechada e um novo contingente de estigmatinos veio para o Brasil, incluindo Pe. Albino Sella.

No fim de 1919, nós tínhamos duas casas (Rio Claro e Tibagi), três padres (Adami, Zanetti, Pelanda) e um irmão (Valzacchi), aqui no Brasil. Pe. Alexandre foi para o Capítulo Geral e permaneceu na Itália. E de Roma veio a ordem para que se reunissem no Paraná e ficassem por lá, pois não havia possibilidade de reforço.

Mas... leiamos a crônica do Pe. Ferrúcio Zanetti em "Nossa Memória, vol. 1, p. 135: " ... Em ambas as casas continua-se vivendo de esperanças. Mas o ano não terminaria, sem novas cruces. De fato em dezembro de 1919, chega uma carta do Geral ao Pe. João, intimando-o a fechar Rio Claro e se recolhessem os dois em Tibagi. O escritor que possui boa memória, pode referir aqui, quase "ipsis verbis" uma frase típica da tal carta: não oponham objeções que foram examinadas no Conselho. É um papel feio, percebo; isto porém se apresenta como o inevitável. Sacerdotes para o Brasil não há. Esta carta foi lida pelo escrevente, com permissão do Pe. João, numa viagem que fez a Ri o Claro. Pe. João não acreditou no "inevitável", como também quem escreve: e movimentou mundos e fundos para esconjurá-lo. Sorte dele (e nossa) que conseguiu seu intento. Realmente enviadas cartas ao Geral, pelo Bispo, pelo Vigário e pelo Pe. Faustino Consoni de São Paulo, a "inevitável" decisão do Conselho desmoronou (bom para nós e a Congregação!) tanto que nos primeiros dias de março de 1920, uma carta do Superior Geral dá um começo de esperança, deixando prever a expedição de reforço".

(N.M.-vol. 1, Fasc. 1, págs. 339-340).



PE. ALEXANDRE ACLER

“Vamos logo dizendo que seu aspecto físico era pouco animador. Quem quiser ter em traços sumários, uma imagem comparativa das feições de Pe. Alexandre, poderia tomar uma gravura surrealista de Pi asso, em que aparecem personagens humanos em traços esquematizados, com faces angulosas e zigomas saltados, hirsuto e de senho carregado.

Pe. Alexandre era uma imagem dos Alpes tiroleses, donde provinha: pontiagudos, talhados a prumo, com quinas salientes. Sua tez, fortemente tostada, lembrava os aldeões daquelas paragens alpestres, fustigadas pelas intempéries, no duro labor de lavras a terra.

À primeira vista incutia temeroso respeito, porque sua aparência não animava à intimidade. Passada, porém, a primeira impressão, descobria-se que, por trás de uma casca rugosa e rústica havia um personagem diferente, compreensivo e até paternal. Quem o conheceu que o diga”.

“Pe. Alexandre foi sempre considerado por todos que o conheceram e tiveram a felicidade de privar da sua companhia, como um elemento importante para a formação dos primeiros aspirantes da Escola Apostólica, seja no sentido de formação intelectual, como, principalmente, no sentido de formação humana, religiosa e estigmatina.

Apesar de muitos problemas de saúde, incluindo várias operações, sempre foi um grande trabalhador, tanto no campo do apostolado, como no campo da orientação e formação, com o acompanhamento pessoal no seminário.

É interessante notar que todos (os primeiros aspirantes em 1925 e os últimos que tiveram contato com ele antes da sua morte) sempre o tiveram em grande estima. O tempo passou e ele progrediu com o tempo. Sua orientação continuou sempre válida e positiva”.

“Pe. Alexandre não educava com palavras apenas, mas com fatos. Ele fazia primeiro, dava o exemplo nessa formação espartana. Durante as férias pouco se estudava, porém muito se trabalhava e passeava. Ele não mandava trabalhar, não mandava fazer longas caminhadas, mas estava sempre à frente, com sua batina surrada, chapéu eclesiástico enterrado na cabeça e o inseparável bordão que completava sua figura magra, austera, feita de pouca carne, muitos músculos e nervos. ... Esse teor de vida nos preparou para a vida de sacrifício do sacerdócio e nos proporcionou excelente vigor físico e mental que nos ajudou a enfrentar com generosidade as durezas da vida em todas as suas dimensões. Contudo, aquele corpo de asceta escondia um coração sensível às fraquezas do próximo”.

Sendo ecônomo na Fazenda Santana, uma ex-cozinheira, revoltada botou veneno na comida. A cozinheira da época morreu. Ele salvou-se, mas ficou com problemas estomacais até o fim da vida.

Jamais retornou à Itália (chegou em 1924 e faleceu em 1957). “Nunca vi os lábios do Pe. Alexandre se abrirem para exaltar sua Pátria ou recordar sua família; mas estimava sobremodo falar da sua e nossa Congregação e dos triunfos e glórias da santa Igreja. Amava a Congregação como se fosse sua única mãe na terra e a Igreja era para ele uma continuação do próprio Deus. A respeito, escrevera em uma de suas últimas cartas: “Minha maior alegria, após

tantos anos de existência, é encontrar-me onde fui colocado pelo Bispo que me consagrou sacerdote e onde os superiores me puseram pelos santos votos”.

(Nossa Memória - Vol. II - Fasc. I - pg o 362-365).



DOMINGOS DIAS

(Primeiro aspirante falecido)

“Com grande tristeza recomendamos às orações dos confrades o aspirante Domingos Dias, que no dia 23 de fevereiro de 1928 - após ter recebido todos os sacramentos da Igreja - após brevíssima doença – deixava a terra pelo céu.

Nasceu em Barcelos - (Diocese de Vila Real - Portugal) - e apenas chegado ao Brasil, perdeu a mãe; por alguns anos sofreu maus tratos de um pai rude e ignorante. A Divina Providência apiedou-se dele e em março de 1927 foi recebido entre nossos aspirantes.

De índole terna e serviçal, de boa inteligência, caráter firme, piedoso, logo, com grande entusiasmo, logo amou a Congregação, temendo só de pensar, que um dia pudesse aparecer dificuldades, que prejudicassem sua perseverança e inteira consagração a Deus com os santos votos.

Mas nem bem um ano - apenas começando o segundo ginásial, enquanto o pai se preparava para levá-lo à força para casa, - o Senhor o quis consigo no paraíso. Primeira flor do nosso aspirantado.

Pe. Albino Sella.”

(Bertoniano J,P.M. 1928 - pg, 327).



PE. JOSÉ TONDIN.

“O cronista de Rio Claro, em 1929 (cf. B. Ab.M.Ju. p. 79) foi profeta ao dizer: “O nome do Pe. Tondin, aconteça o que acontecer, ficará eterno em Rio Claro, ligado à bela casa que aqui temos. Nela trabalhou com verdadeira inteligência e paixão, ganhando fama de engenheiro sério e genial, embora não tenha frequentado Universidade, nem conseguido diploma algum”.

O único engano do cronista é que a fama não ficou restrita a Rio Claro, mas se expandiu por toda a Província.

Em quase todas as nossas primeiras fundações aparecia, sempre a “varinha mágica” do Pe. José, “dando um jeitinho” nos fundos da igreja, e de lá surgia uma “casa paroquial”, incômoda sim, mas que não raro servia por muitos anos. Por ex.: São Caetano e São Benedito (Campinas).

Em Rio Claro construiu não só o Colégio Santa Cruz, mas inúmeras outras casas na cidade, algumas das quais permaneceram por mais de 50 anos.

Em 1927 sua fama de “engenheiro” já havia saído de Rio Claro e da Congregação. Lemos no Bertoniano daquele ano (Supl. ao n. 4, pág. 307) “Pe. José Tondin vai a Casa Branca (a 300 km), para onde se dirige de vez em quando, a fim de orientar os trabalhos de restauração e término da igreja matriz”. E é importante frisar, que, dessas viagens surgiu ao menos uma vocação estigmatina: Pe. Mário Zuchetto”. (N.M. Vol. II. fasc. I, p. 425).

Em 1935 partiu para Ituiutaba, primeira fundação da Província de São José. Um cronista da época o descreve: “Pe. José era o chefe do ‘pelotão’ (Pe. Júlio Sief e Ir. Roberto Giovanni) que empreendia a tarefa de estender, em terras mineiras, a nossa Congregação.

Ele tinha um sestro. Sendo de cabeleira rala e falha, com calva que lhe tomava o alto da cabeça por inteiro, deixava crescer umas mechas de cabelo mais compridas no parietal esquerdo, com as quais tentava disfarçar a devastação da careca e, por isso, vivia acomodando os cabelos com a mão direita.

Outra sua característica era o vezo de contar piadinhas intensivas e ditos chistosos, ora em latim, ora em português, com as quais divertia a meninada do ginásio. Assim gostava de repetir, para os seus alunos distraídos, um ditado nestes termos: “*pluribus intentus, minor est ad singula sensus*”, que em nosso idioma significa: quem se ocupa de muitas coisas não presta atenção a nenhuma. Ou então com outra finalidade costumava repetir: “Se o servo de que te serves não te serve, porque te serves dum servo que não serve?” Com esses, inúmeros outros que lhe faziam conquistar a simpatia dos alunos e outros interlocutores.

De sua inteligência não estou em condições de falar com profundidade, porque era muito humilde e não gostava de se exibir. Em matemática era um exímio conhecedor sobretudo na parte prática, que lhe deu oportunidade de ser um construtor abalizado. Não tinha, porém o dom do magistério, porque suas aulas eram maçantes e um tanto perturbadas pelas peraltices dos alunos, sempre prontos a convulsionar o ambiente.

Foi sem favor, um grande benemérito de nossa Congregação no Brasil, dotando-a de um colégio modelo de três pavimentos, solidamente construído, obra perfeita de engenharia, quer

por sua solidez, quer na parte arquitetônica, e também pela disposição nas repartições internas que favoreciam o máximo de aproveitamento do espaço, sem prejudicar as condições educativas e pedagógicas dos internos. Aquele colégio foi o maior edifício de Rio Claro durante muitos anos. E lá se ergue imponente e venerando, passados já mais de sessenta anos.

Pe. José foi, com outros seus confrades, particularmente Pe. Albino Sella, um dos promotores do primeiro seminário estigmatino do Brasil.

Dele se pode concluir dizendo que foi um sacerdote de vida simples e entrecortada de grande atividade, apaixonado por construções, paixão que alguém traduzia dizendo que sofria do "mal da pedra".

(Nossa Memória, vol. II, Fasc I, pág. 425-432),



Um dos grandes benfeitores e "padrinhos" quando da nossa chegada ao Brasil, foi -um Escalabriniano, o

PE. FAUSTINO CONSONI.

Vamos ler dois trechos da Nossa Memória: um da crônica do Pe. Zanetti e outro da crônica do Pe. Adami.

“Dezembro de 1910 (fim) - No fim deste mês ou no começo do seguinte (não sei bem) os "três" (Grigolli, Adami, Valzacchi se reúnem na cidade de São Paulo (capital do mesmo Estado, hoje talvez, com mais de meio milhão de habitantes, distante do Rio de Janeiro, em direção oeste 498 km.) junto aos Missionários de São Carlos ou Escalabrinianos, no Orfanato Cristóvão Colombo, cujo diretor, era então, o ainda vivo Pe. Faustino Consoni, bresciano, coração de ouro, que sempre mostrou um grande afeto por nós. (Hoje é reitor da igreja de S. Antônio no centro da mesma cidade de São Paulo: sendo confessor do Arcebispo, e um grande apoio para quem chega da Itália)”.

"Esteve sempre ao nosso dispor. Hospedava-nos quando passávamos por São Paulo. Interessava-se por nós. E quando resolvemos vir para São Paulo e aqui conseguir uma casa, imediatamente Pe. Faustino entrou em ação, escrevendo uma carta ao Bispo de Campinas.

“Em 1919, quando deveríamos, por ordem dos Superiores, fechar a casa de Rio Claro e voltar todos para o Paraná, Pe. Faustino foi um dos que intercedeu junto ao Geral, para que reexaminasse sua ordem. E assim, graças a ele, também, continuamos aqui”.

Pe. Adami, o que mais fornece material sobre Pe. Faustino, descreve uma de suas delicadezas e mostra a sua caridade. Devendo ir para a Itália (por doença do pai) não conseguia dinheiro para a viagem. Recorreu então ao Pe. Faustino: "um pouco magoado, procuramos Pe. Faustino, aquele querido e santo padre que nos ajudou sempre, desde os primeiros dias do Brasil, ele que tem um coração que se daria todo para fazer o bem, para fazer caridade. Conto-lhe minha triste história. Ele se aconselha com Pe. Conrado Stefani, querido amigo nosso, e depois me diz: 'Veja, padre, eu devo mandar ao meu superior em Roma, seis contos de réis. Eu lhe entregarei: gaste aquilo que deve gastar, e, chegado à Itália, por meio de seus superiores complete a quantia, e a entregue ao meu superior”.

Finalmente encontramos na crônica de Rio Claro de 12.08.1933: “Recebemos de São Paulo a notícia da morte do Pe. Faustino Consoni, um dos sacerdotes mais beneméritos do Instituto dos Missionários de São Carlos, fundado por D. Scalabrini. Para a nossa Congregação no Brasil foi como uma mãe que, em circunstâncias críticas, acolheu e confortou os nossos primeiros padres e depois nos foi sempre amigo amoroso e advogado”.

E Pe. Adami termina: "Já me encontrava há alguns anos na China, quando soube da sua santa e preciosa morte; e foi no ano seguinte, em Chicago e em Providence nos Estados Unidos,

que me contaram da intenção o Padres Escalabrinianos, de introduzir a causa de Beatificação do querido Pe. Faustino. Queira Deus; E possa eu, que o conheci tão bem , ser uma das testemunhas nos primeiros processos apostólicos!”



E aqui vai a carta para o Bispo de Campinas. Apesar do português, ela nos colocou em Limeira, e depois em Rio Claro:

"S. Paulo, 26 de fevereiro de 1914

Ilmo. e Ex.mo Rev.
Mons. D. Corrêa Nery
Dig.mo Bispo de Campinas.

Cumprimentando respeitosamente V. E. Rev., beijo o sagrado anel. O portador desta é o Rev.mo Padre Henrique Adami, Stigmatino que com mais dous seus coirmãos reside em Tibagy.

Autorizado por aquelle Seu Superior Vigário da sobredita paróchia, está em procura no Estado de S. Paulo e si for possível na Diocesi de Campinas, de um lugarzinho, para com a bençã do Céu, trabalhar pelo bem das almas e exaltação da Nossa S. Religião, pois que qualquer religioso Stigmatino deve esforçar-se para desenvolver seu zelo em benefício da juventude, abrindo escolas, collegios, oratórios, Liceus de Artes e officios, bibliotecas, etc. dispondo para esse fim de Padres habilitados seja no ensino das letras, como de artes e officios.

O Deg.mo Vigário Geral de V. E. o Rev.mo Mons. Reimão já teve occasião de conhecer estes Sacerdotes e o Rev.mo Superior dos mesmos em Milão.

Espero que V. E. com a costumada sua bondade não deixará de attender ao Rev. Padre Adami meu recomendado que verbalmente poderá expor suas intenções e quanto deseja fazer.

Estou convinto que os melhores frutos poderão dar os zelantes Padres Stigmatino vencendo qualquer espectativa si elles tiverem a felicidade de desenvolver seu zelo em qualquer Parochia que a V. E. se dignar confiar aos cuidados dos mesmos.

O Rev. Padre Pedro Botto da Congregação de S. Carlos meu coirmão acompanha o Rev. Padre Henrique Adami.

Com a mais alta estima e respeito me assigno

De V. E.
Atto. e obrig. Creado
P. Faustino Consoni.



PE. FORTUNATO MORELLI

“Com a morte do Pe. Fortunato, desaparece o último dos pioneiros Estigmatinos no Brasil. De 1922 a 1980 trabalhou por todas as nossas casas desenvolvendo todo tipo de atividades. Morreu como um patriarca rodeado por seus "descendentes", a quem transmitiu conhecimento, formação, espírito religioso, vivência sacerdotal. Morreu querido, admirado, rodeado de jovens que o amavam. E assim a Província e a Congregação ganham mais um intercessor na Glória.

Ordenado sacerdote em Roma, a 29 de maio de 1920. Permaneceu dois anos na Itália em casas de Formação, sendo escolhido para as Missões da América. Deveria ir para os Estados Unidos, mas por motivo da língua resolveu vir para o Brasil, onde chegou a 12.05.1922.

Foi logo para a Missão de Tibagi, no Paraná, onde desenvolveu seu ministério como vigário e missionário. Percorreu todo aquele sertão em lombo de animal, com chuva, sol, gripe, resfriado, febre e... muita boa vontade. Após o fechamento das casas do sul, retornou para São Paulo (Rio Claro) onde foi professor, ecônomo e primeiro Mestre de Novícios.

Foi sempre um religioso de observância rígida, na própria vida e como formador; exigente no cumprimento dos Cânones e nas disposições eclesiásticas, à frente de uma paróquia. Talvez, por isso, um pouco temido, mas sempre querido e admirado por sua grande caridade e espírito de fé.

Alma de artista. Quando aspirante fazia parte da bandinha do seminário (os músicos gostavam de tocar em festas, onde pelo menos um dia, podiam comer à vontade - era tempo de guerra!), Gostava de se imiscuir nos cálculos e plantas nas construções e reformas. Discutia com pintores e fazia rabiscos (capela do colégio de Morrinhos, cenários de presépios, etc.). Ultimamente seu maior passatempo era a montagem de um grande presépio. Diante de um tabuleiro de xadrez foi sempre adversário perigoso, ainda mesmo em seus últimos dias.

Os últimos anos desse extraordinário sacerdote, cura de almas, foram dias de muito sofrimento, pela enfermidade que o atacou. Sofreu resignadamente e feliz de servir à Igreja e à Congregação a que pertencia. Seu passamento foi dos mais edificantes. Seu derradeiro gesto que fez ao confrade que o assistia foi um aceno de mão como a dizer, no modo usual de despedida: "ciao", adeus, revelando estar com a alma em paz e satisfeita. Assim se extinguiu em Campinas de S. Paulo, aos 17.06.1980 esse fiel soldado de Cristo.

Pe. Fortunato, não desmerecendo dos demais estigmatinos que por aqui passaram, foi trabalhador indefesso, a dedicação personificada e um pároco zeloso e incansável.”

“Um fato de suas andanças pelo sertão de Tibagi: Durante a visita pastoral de D. João Braga, estando em São Jerônimo, preparavam-se para ir até Jataí. O sr. Bispo ficou com o melhor cavalo e o melhor arreio; Pe. Ferrúcio ficou com seu cavalo e seu arreio. Ao Pe. Fortunato coube um cavalo emprestado e uma cangalha no lugar de arreio. Na hora da saída, quando Pe. Fortunato montava, devido a um movimento da cangalha, a espora esbarrou na barriga do cavalo que corcoveou e mandou o cavaleiro ao chão com batina, chapéu e tudo o

mais. Depois das risadinhas abafadas e do socorro prestado, deram nova partida pensando em fazer a viagem em duas etapas.

Já ao anoitecer atravessaram a vau um riozinho. Na margem oposta havia uma subida íngreme de uns 30 metros e logo após um altiplano com a casa de um caboclo. Durante a subida a barrigueira do cavalo do Pe. Fortunato foi desapertando, e quando atingiram o alto, resvalou na virilha do animal. Este se assustou, esperneou e saiu correndo sem o cavaleiro. Ordem das quedas: pelego, cangalha. Pe. Fortunato. O jeito foi parar e pousar ali mesmo.

No dia seguinte foram ver o lugar do "desastre" e notaram que estava repleto de pontas de arbustos cortados. Qualquer uma delas aptas para matar quem lhes caísse em cima.

Graças a Deus nada aconteceu, o cavalo foi encontrado, a viagem prosseguida”.

(Nossa Memória - vol.II - Fasc II - págs. 477- 485).



“Dentre os pioneiros estigmatinos no Brasil devem ser lembrados dois jovens de 22 anos.

Depois de uma década de trabalhos missionários no Brasil, nossos padres decidiram abrir um seminário. Mas o número de sacerdotes que aqui trabalhavam era insuficiente para atender uma obra tão delicada... Para atender essa tarefa foram escolhidos dois estudantes de filosofia.

Deveriam vir ao Brasil terminar os estudos, ajudar a cuidar dos aspirantes e se prepararem para o sacerdócio”.

“Em 1923 o Conselho Geral aprovou e encorajou o início do aspirantado aqui no Brasil.

E para mostrar que o início da FORMAÇÃO era coisa séria e necessária, no dia 20 de maio chegam os estudantes de teologia LUIZ PISETTA (mais tarde MARIA FERNANDES) e JOÃO BATISTA CONSOLARO, aqui terminarão seus estudos e ajudarão no cuidado com os futuros aspirantes”.

Foram ordenados em Campinas no dia 06 de fevereiro de 1927.

PE. JOÃO BATISTA CONSOLARO.

Pe. Lino Correr assim o descreve:

“Tinha um ‘que’ no jeito de exigir exatidão e pontualidade das pessoas que com ele realizavam qualquer trabalho, que o tornava de difícil convivência. Esse ‘que’ era seu natural seco e, em certos casos, intransigentes. Se assim fazia, é porque ele, por primeiro, esforçava-se pela perfeição de seus atos. Esse caráter foi o que constituiu para ele a maior fonte de sofrimentos, quer no convívio com seus irmãos na Congregação e, mais ainda no trato com elementos da sociedade, ou membros de associações paroquiais. A estas ele se dedicava com verdadeira paixão, esmerando-se em transmitir preciosas noções da Fé da Moral.

Alm sensibílíssima, amargurava-se ante situações irregulares que descobria em seus assistidos espirituais. Com veemência profligava as excessivas liberdades nos trajes e outras mazelas da vida em sociedade. Apreciava uma boa conversa com os amigos, como partilhava, com satisfação das alegrias das festinhas familiares.

Acontece, não raro, que um pequenino defeito assinala uma pessoa, mais que numerosas e grandes qualidades, de tal forma que, ao falar dela, logo se faz alusão ao pequenino defeito, fazendo-se por ignorar as virtudes. É o que aconteceu também com esse padre, que lembramos com grande admiração, tanto por suas virtudes, como pelo zelo pela Casa de Deus e integridade da doutrina.

Embora alguns ainda lembrem de Pe. João, por ter sido intransigente contra as modas indecorosas nas missas e outros atos religiosos, há muitos outros trabalhos bem positivos pelos quais deve ser lembrado, em particular a preocupação da instrução religiosa dos seus paroquianos, assunto que viveu com empenho todo tempo que passou em Ituiutaba. Temos o testemunho vivo de seu confrade. Pe. Mário Chudzik, de como Pe. João, sozinho, arcava com a assistência paroquial na sede da paróquia São José, liberando os outros sacerdotes que iam celebrar na zona rural.

Trabalhou muito em várias casas. Em 1961, por motivo de saúde, voltou para a Itália, onde permaneceu até a vigília dos Santos Esposos, quando faleceu improvisamente, em 1968”.

(N.M., - Vol. II - Fasc.I - pág. 433-435).



PE. LUIZ MARIA FERNANDES

“Exerceu o ministério sacerdotal em Rio Claro e Casa Branca, onde foi vigário. Aí fomentou uma devoção especial a Nossa Senhora sob o título do “DESTERRO”. Aí também iniciou a casa de Formação de Irmãos, novidade em toda a Congregação.

Pe. Luiz era um homem profundamente fiel a Deus, à Igreja e à Congregação.

Sua vida sacerdotal foi dividida em dois períodos.

Durante o primeiro período esteve ocupado com cargos de responsabilidade dentro da Congregação.

Em 1940, foi escolhido como visitador e em 1944 tornou-se o primeiro Provincial da Província Santa Cruz. Pe. Luiz dirigiu a Província por 10 anos. Foram tempos difíceis. A guerra mundial interrompera toda comunicação com a Cúria Geral.

Era preciso “arranjar-se”, decidir mil coisas com aquele “bom senso” e com a “tenacidade” que sempre caracterizou sua vida.

Depois de junho de 1950, o segundo período da sua vida sacerdotal. A realização de um sonho antigo: a fundação de um Instituto Secular feminino: “SERVAS DE JESUS SACERDOTE”, que se empenhassem num serviço total e exclusivo em auxílio dos vigários e dos sacerdotes nas paróquias. Foi iniciado com oito membros.

Foi necessária muita firmeza para vencer todos os obstáculos iniciais.

Durante 28 anos Pe. Luiz foi assistente e orientador do Instituto por ele querido e fundado, que na sua morte superava os 200 membros.

Morreu santamente com a idade de 78 anos, no dia 30 de julho de 1989.

Com licença especial do Governador do Estado, seu corpo foi sepultado na Capela da Casa Mãe das “Servas de Jesus Sacerdote”, em Ribeirão Preto.

Além do seu trabalho dentro da Congregação, foi sempre um grande conselheiro espiritual de uma infinidade de jovens e senhoras. Grande é o número de religiosas encaminhadas ao convento por ele. E não é menor o número de leigos atuantes em paróquias. Assim, quando em 1950, fundou as “Servas”, já tinha uma base bem sólida para seu, recrutamento.

Foi também diretor espiritual de muitos sacerdotes e religiosos. Em Ribeirão Preto era o mais procurado. No dia do seu enterro, uma boa parte dos 50 sacerdotes que concelebravam, eram seus penitentes e dirigidos”.

(N.M. - Vol. II - Fasc. II - pg. 472-474).



O PRIMEIRO NATAL DOS ESTIGMATINOS NO BRASIL

No dia 08 de novembro de 1910 três Estigmatinos partem de Trieste, rumo ao Brasil, atendendo a um chamado de Deus para trabalhar na América, .que era a meta dos emigrantes italianos: Pe. Alexandre Grigolli (29 anos), Pe. Henrique Adami (27 anos) e Ir. Domingos Valzacchi (42 anos). Vinham alegres e satisfeitos, com destino preparado; cuidar de um pequeno seminário e de uma colônia de italianos.

Depois de 22 dias de uma viagem atribulada, no meio de gente simples, malas, baús, pacotes, borrascas e tudo o mais, em um navio de classe única, de 75 metros de comprimento e 11 nós por hora, desembarcaram no Rio de Janeiro, no dia 02 de dezembro.

No dia seguinte os dois padres partiram de trem para o “el dorado”: SETE LAGOAS, em Minas Gerais. O irmão tomou o trem errado, e, com as malas foi parar em Belo Horizonte. Só se encontrou com os padres quatro dias depois.

Ao chegar em Sete Lagoas houve uma decepção profunda. Haviam sido enganados pelo padre que os procurou na Itália. O padre era um “malandro” que se aproveitou de várias Congregações religiosas, que ele trouxe para o Brasil.

Foram até Mariana conversar com o Bispo, D. Silvério Gomes Pimenta, “um negro culto” que os assustou pela cor, pela ciência e pela bondade, que os acolheu fraternalmente na sua casa, mas “não tinha lugar para eles” na diocese.

A decepção os separou. Pe. Alexandre partiu para São Paulo, a fim de se encontrar com os Escalabrinianos, amigos dos Estigmatinos. Foi em busca de um local para se estabelecerem. Rodou por “seca e meca”. Chegou até “in finibus terrae” (Barretos), e... sempre desilusão sobre desilusão.

Pe. Henrique ficou em Mariana, hospedado na casa do Bispo, sozinho, triste, angustiado, mas confiante.

Ir. Domingos ficou em Sete Lagoas na casa de um sobrinho do padre que os trouxe (Pe. Antônio Sanson), e, “lá teve oportunidade de observar e provar o que significa fazer limpeza numa casa onde crianças sujam. desarrumam tudo, gritam e choram dia e noite”.

O mês foi passando, passando, e, chegou o dia do NATAL.

Cada um em um lugar, longe da Pátria, sem conhecer a língua, sem meios de subsistência, mas com uma grande confiança em Deus e uma grande esperança no futuro, mas choraram muitas vezes.

Porém não desanimaram. Não se arrependeram, nem desejaram retornar para a Itália. Pe. Henrique escreve: "Deus o quis, os Superiores escolheram nós dois jovens, para começar a obra no Brasil, e a obra devia sair. Deus estava conosco!"

Naquele dia puderam sentir, na própria carne, o grande drama de Belém: “NÃO HAVIA LUGAR PARA ELES” (Lc 2,7).

UM SANTO NATAL!
UM FELIZ ANO NOVO (COM AS CRUZES QUE VIRÃO)!



IRMÃO BENEDITO FELIX (1906-1971)

"Alma simples e piedosa, passou a vida toda na mais profunda humildade e no fiel cumprimento das próprias obrigações. Foi hortelão em Uberaba, sacristão e porteiro em Campinas - S.Benedito, São Caetano, Casa Branca, Morrinhos e Rio Claro. Assíduo propagandista de nossa revista 'Ecos Estigmatinos', roubava horas de repouso, saindo pelas ruas, de casa em casa, divulgando a revista, e fazendo-se admirar pela sua humildade e simplicidade.

Sua vida está repleta de fatos simples e pitorescos. Deve ter sido o campeão de quedas e trombadas. Com muita facilidade encontrava-se em situações tragicômicas e perigosas. Caiu de telhados, escadas, em rios, em buracos, trombou com paredes, postes, colunas, até que a queda em Rio Claro, na igreja Santa Cruz, o pôs fora de combate.

Gostava de vez em quando de tocar violão ou fazer uma bela pescaria. Suas músicas prediletas eram de 1930, e sempre as mesmas. Com sua vara de pesca tornou-se célebre em Morrinhos, Rio Claro e Tatu.

Muito devoto de Nossa Senhora, de Santo António e das Almas do Purgatório, pedias sempre a proteção para sair das enrascadas. Em 1956 foi mandado pelo seu superior, de Rio Claro a Campinas, para buscar 300 mil cruzeiros (muito dinheiro naquela época). Colocou tudo muito cuidadosamente numa velha pasta com um santinho de Santo António, Na volta, chegando em Cordeirópolis, devia fazer baldeação, pois o trem em que viajava seguia direto para Descalvado. No momento da partida percebeu que se esquecera da pasta no trem. Correu, mas muito tarde. O trem já havia partido.

Foi até ao chefe da estação, pediu, suplicou, rezou para Santo Antônio, até que finalmente, sua pasta foi encontrada devolvida intata. Esperou quase meio dia para poder continuar a viagem e voltar para casa, contente com o dinheiro e seu Santo Antônio.

Apesar de sua simplicidade e "ignorância" era cheio do conhecimento simples de Deus e da psicologia da vida. Muitas vezes era convidado por famílias para uma visita. A finalidade era ouvir dele conselhos e orientações para problemas familiares. Em Rio Claro, era muito comum.

Como bom caboclo , de vez em quando era atacado de melancolia e mutismo, mas nunca deixava de cumprir suas obrigações religiosas e seus trabalhos. Foi sempre muito querido pelos confrades e pelos leigos que o conheceram. Se se quisesse resumir sua vida numa frase do Fundador, seria: "Bassi, bassi; buseta e taneta".

Um exemplo de sua esperteza de mente: Uma manha de frio, estando vários confrades na cozinha de Casa Branca, Ir. Benedito já na curva final, entrou e viu um cachorro deitado perto da boca do fogão. Com toda calma foi até lá, pegou o cachorro nas mãos, virou-se para a turma e perguntou: "Alguém quer cachorro quente?"

Hoje deve ser grande no céu, porque foi profundamente humilde.

(N.M. Vol. II - Fasc. I - p. 441-443).



ANO VOCACIONAL ESTIGMATINO
IRMÃO PEDRO BIANCONI

Antes de entrar na Congregação freqüentava a Congregação Mariana de Santa Cruz, de Rio Claro, e com a idade passou de congregado a dirigente. Começou cedo a trabalhar para ajudar a família, e se empregou numa sapataria, sem deixar de ser mariano e catequista.

Aos vinte anos ouviu o chamado de Deus e entrou para a nossa Congregação a fim de se tornar Irmão Coadjutor.

Naqueles primeiros anos, quando o trabalho era grande e o número de Irmãos menor do que agora, ele, com alegria e dedicação, fazia de tudo. Foi sacristão, catequista, cozinheiro, porteiro, sapateiro admirador da Fazenda Santana. Adatou-se com simplicidade à freqüente mudança de casa - quase todos os anos, no início - sempre sereno, calmo, sorridente.

Foi dos primeiros filhos do Bertoni no Brasil. Amou intensamente a Congregação e gostava de falar dos exemplos e das lições dos primeiros estigmatinos, que ele conhecera e com os quais vivera sua juventude.

Trabalhou muito em Rio Claro, Casa Branca, Ituiutaba e Campinas. Em Casa Branca foi o primeiro superior da comunidade de formação dos Irmãos coadjutores (1965), que naquela época tinha quase quarenta aspirantes. Sua discipulação, seu esforço, sua dedicação são ainda lembrados por aqueles que o tiveram como educador.

Em Ituiutaba, além dos trabalhos internos, conseguiu exercer um apostolado direto, com operários, estudantes externos que vinham à nossa escola, com o catecismo em numerosas capelas rurais daquela grande paróquia.

Era de caráter delicado, seu tratamento era afável, respeitoso, capaz de atrair imediatamente a confiança e a simpatia. Sua palavra calma, suave, atingia profundamente e transmitia conforto e segurança.

Tudo isto era não só dom natural, mas efeito da sua profunda vida espiritual. Amava a oração. Fidelíssimo à oração comunitária, prolongava a oração simples, espontânea, cheia de fé, como tinha aprendido com a mãe e no início da sua formação.

Nos últimos anos, já maduro e sofrido, viveu em Campinas, na Chácara do Vovô.

Tinha sido investido como Ministro Extraordinário da Eucaristia. E não obstante o grande esforço, por causa de sua saúde abalada, visitava muita gente, especialmente velhos e doentes, e além do conforto de sua palavra, levava-lhes o Pão Eucarístico. (No bairro onde trabalhou ultimamente, Jardim Pacaembu, há uma rua com o seu nome).

Quem passasse pela igreja de N. Sra. da Consolação, de Campinas, no dia 22 de agosto de 1972, presenciaria uma reprodução da cena evangélica narrada no livro dos Atos dos Apóstolos (At 9,34-46), em que o escritor sacro descreve as lamentações de pobres viúvas que se lastimavam por terem perdido o principal arrimo de sua pobreza, Tabitá, que morrera.

“Naquele bairro pobre, era velado o corpo de Irmão Pedro Bianconi, que se dedicara alguns anos, com amor e zelo, em minorar a condição de pobreza dos moradores do lugar. O

dia todo, enquanto durou o velório do bom Irmão, desfilou aquela gente simples, chorando e soltando queixas doridas: 'Quem vai nos amparar agora? Perdemos o nosso grande benfeitor'". (Nossa Memória - Vol. II - Fasc. II - P g. 456.)

Alguns estigmatinos agradecem a ele o apoio à sua vocação. De modo especial. Pe., Sebastião Marson. Ir. José Ferreira foi atraído por ele, quando o acompanhou, uma vez, em Adamantina, na cobrança dos "Ecos Estigmatinos".



"Quando a caminhada é muito longa para atingir um nosso desejo, este pode começar a esfriar-se, exceto se a pessoa imediatamente se colocar de novo a caminho". (M. Privado - 12.07.1808).



ANO VOCACIONAL ESTIGMATINO.
"PUSILLUS GREX" - PEQUENO REBANHO.

"Sendo finalidade da nossa Congregação servir à Igreja com os vários ministérios da sua vocação sob a direção dos Bispos, e sendo isto, algumas vezes, coisa árdua e difícil... nem por isso se pode chamar de imprudência ou temerário o programa da nossa especial dedicação à Igreja.

Primeiramente porque cremos que a sua efetivação não depende das forças do homem, mas da graça do Espírito Santo: pois aquele que começou a obra, Ele mesmo a levará a bom termo, especialmente QUANDO NOSSAS FORÇAS VACILAREM; e esta, com efeito, a graça especial da nossa vocação, graça que é mais poderosa do que todo perigo ou dificuldade..." (Introdução das Constituições - 1984 - p.XII).

Agora se torna evidente que aquele PEQUENO GRUPO DE SACERDOTES, por uma feliz circunstância congregado pelo Bertoni, não era obra do acaso, pois nada sucede no mundo por acaso, nem obra do homem, pois o homem de si nada pode; mas, realização desejada e disposta pela infinita sabedoria de Deus que 'alcança com vigor de um extremo ao outro e governa o universo retamente'. (Idem - p. XIV).

"Durante a vida de Bertoni, a Congregação não se desenvolveu". (Idem p. XY).

"Partindo do princípio de que a Deus ninguém pode se opor, de que para Deus tanto faz REALIZAR POUCO OU MUITO, de que para Ele tudo é nada, o Pe. Fundador ensina que a nós nos convém esperar e não ser esperado; que nada pode faltar a quem tem o 'auxílio do Senhor' que é bem-aventurado quem confia na Providência, porque com a sua ajuda vai achar FÁCIL O IMPOSSÍVEL. Deus, que começou, também consumará a obra; se deu o desejo, dará também a capacidade... Se fizermos tudo que nos compete, Deus fará tudo e bem, da sua parte. Se a obra é de Deus ninguém a anulará". (Idem - p. XXVIII).

"- O serviço à Igreja de que o Bertoni impregnou tão profundamente a sua Congregação, que a destinou a ser um PUNHADO DE SACERDOTES DISPONÍVEIS às solicitações dos Bispos, garantindo-lhes uma especial ajuda de Deus, graça peculiar à nossa vocação". (Idem - p. XXIX).

"Depois de haver sofrido e trabalhado tanto pela sua Congregação, percebia-se que pouco a pouco ela ia DIMINUINDO e quase acabando". (Breve Crônica - n. 64).

"E isso não era senão o início das provações. Em 1843, depois de 12 anos de convivência nos Estigmas, saiu da Congregação o Pe. Vicente Raimondi com o pretexto de passar dois ou três meses em sua casa para restabelecer-se da saúde. (Pouco depois Pe. Raimondi entrou para a Companhia de Jesus). No mesmo ano saíram os Irmãos coadjutores Francisco e Paulo Solari, depois de terem passado na Congregação, o primeiro 12 anos e o

segundo 9. Em janeiro do ano seguinte, 1844, morreu Pe. Modesto Cainer, 'depois de quatro longas enfermidades suportadas com grande paciência'. A pequena comunidade diminuía sensivelmente...

Mas Pe. Gaspar não desanimava, nem diminuía o trabalho pela sua Congregação...

E para imbuir da mesma confiança seus desanimados filhos, dizia-lhes: CORAGEM, CONFIEMOS EM DEUS E DEIXEMOS QUE ELE FAÇA O QUE QÛIZER, POIS ELE TUDO PODE. De Pe. Gaspar se pode dizer verdadeiramente que 'esperou contra toda esperança'. (B. C. nº. 65).

"Mais uma perda estava reservada aos nossos que seria ainda mais pesada que as outras. Em 1847 despedia-se deles o Pe. Carlos Fedelini. 'Dia 25 de agosto (escreve Pe. Gramego), ai, ai; Que é que eu vou escrever! Que um jovem de 37 anos, dos quais 21 conosco, interno e da família, e oito ou nove anos como aluno, afetuoso e querido... sofremos... um jovem, etc., etc. Pe. Carlos Fedelini que chegou a ser professor de moral no Seminário... de uma hora para outra voltou para casa. Oh, meu Deus, não direi mais nada! "

"... Depois da morte do Pe. Gaspar, como veremos, sentindo-se fortemente atraído para o ninho antigo, multiplicou seus pedidos ao Pe. Marani, até que foi novamente aceito". (B. C. nº. 73).

"Ficavam nos Estigmas com o Pe. Gaspar somente seis sacerdotes, mas, cheios de coragem, animados da confiança de que Deus finalmente abençoaria seu trabalho, resolvidos a perseverarem a todo Custo na casa de Deus. ... Nos Estigmas com Ir. Paulo restava Francisco Stevanoni, e agora vinha o terceiro, João B. Bandoria". (B. C. nº. 73).

"Na época da morte de Pe. Gaspar a comunidade dos Estigmas contava com seis sacerdotes, isto é: Pes. Marani, Gramego, Brugnoli, Benciolini, Venturini e .Lenotti; e quatro Irmãos coadjutores; Paulo Zanolli, Luis Ferrari, Francisco Stevanoni, João Batista Bandoria. Na desolação em que ficaram com a morte do Pai comum, eram sustentados pela esperança de que ele do Céu protegeria a PEQUENA CONGREGAÇÃO pela qual tanto trabalhou e sofreu". (B. C. nº. 80).

"Pe. Marani em Roma (1854) cuidava dos negócios que o levaram até lá (reconhecimento da Congregação). No início, porém, 'parecia coisa perdida, devido ao PEQUENO NUMERO de elementos'. Pe. Lenotti refere que o Secretário da Congregação dos Religiosos) falou no início: 'SÃO QUATRO GATOS. PODE IR PARA CASA EM PAZ, PE. MARANI"'. (B. C. nº. 87).

"Escreve Pe. Marani: 'outro dia estive com o Sumo Pontífice e expus-lhe tudo, prometeu-me o seu auxílio e deu sua bênção a toda a Congregação: 'PUSILLUS GREX' (PEQUENO REBANHO)". (B. C. nº. 88).



ANO VOCACIONAL ESTIGMATINO
PE. CALÁBRIA: SEUS BOLETINS QUANDO ESTUDAVA NOS ESTIGMAS.

Interrompeu seus estudos para ajudar economicamente a família.

Pe. João Calábria, que no dia 17 de abril deste ano (1988), o Papa proclamou Bem-aventurado, foi aluno elementar da série superior dos Estigmas, de Verona, do ano letivo de 1881-82 ao de 1885-86. As notas podem ser encontradas nos registros do arquivo da escola.

O jovem Calábria freqüentou este Instituto dos oito aos treze anos: momentos esses críticos e decisivos na vida de uma pessoa. É motivo de satisfação pensar que também esta escola contribuiu favoravelmente com os desígnios divinos sobre este grande veronês, que imprimiu um caráter eminentemente cristão, em todas as formas de assistência na atormentada primeira metade deste nosso século.

Na sua infância, João Calábria freqüentou por alguns o asilo infantil de Santa Catarina “in corso Porta Pallio”: aqui adquiriu os primeiros elementos do saber, a leitura e a escrita, terminando aos oito anos as duas classes elementares inferiores, a "primeta" e a segunda.

Em outubro de 1881, tendo completado oito anos, entrou no curso elementar superior da escola dos Estigmas, fundada pelo Bem-aventurado Gaspar Bertoni. Os Estigmatinos haviam reaberto as aulas elementares superiores em outubro de 1878 depois de um longo fechamento de 35 anos, de todas as classes. As aulas foram reabertas nas dependências do vasto edifício do ex-mosteiro das Teresas, adjacentes ao verdadeiro e real convento dos Estigmas.

O pequeno escolar sentiu-se acolhido em um ambiente grandioso e cheio de sol, de espaço e de verde. Isso favoreceu nele uma serena aprendizagem dos primeiros conhecimentos escolares. Sua inteligência, debaixo da orientação dos seus mestres, se abria com alegria às primeiras experiências da verdade. De fato, os primeiros três anos de freqüência, de João, se apresentam com as características de melhor êxito. Fomos pesquisar os registros escolares da época e encontramos as classificações do Bem-aventurado Calábria que estão publicadas nesta página. Nota-se logo a brusca mudança no aproveitamento durante os últimos anos da escola elementar superior. Definitivamente no ano letivo de 1884-85, Pe. João não aparece inscrito, e, freqüenta a quarta classe superior no ano sucessivo de 1885-86, obtendo classificações medíocres.

Pelo que se pode perceber das anotações escolares, devem ter interferido situações familiares, que obrigaram o jovem de treze anos, a interromper com tristeza os estudos, para contribuir, talvez, com o seu trabalho à precária situação econômica. Retomou, de fato, os estudos regulares somente no ano letivo de 1892-93, já no Seminário diocesano, com o triênio do liceu clássico, tendo-se arranjado particularmente no curso ginásial. As biografias do Pe. João Calábria, falando da sua freqüência escolar nos Estigmas, salientam o decisivo impulso de sua formação pelo professor Pe. Albano Clemente, chamado pelos alunos "o professor santo".

Pedro Mantovani

“Diretor dos Estigmas.”

(Verona Fedele - 29.05.1988 - pág. 25).



<p style="text-align: center;">ANNO SCOLASTICO 1881/1882</p> <p>Classe prima della sezione Superiore delle Elementari. La classe è composta di 27 scolari. Calabria Giov anni riporta a fine anno i seguenti voti:</p> <p>Condotta 9 Catechismo 10 Lettura e nomenclatura a voce 10 Composizione 9 Aritmetica a voce 8 Scrittura 9</p> <p>Esito finale: promosso. Con il premio di II grado.</p>	<p style="text-align: center;">ANNO SCOLASTICO 1883/1884</p> <p>Classe terza della sezione Superiore delle Elementari. Composta di 21 scolari. Calabria Giov anni.</p> <p>Condotta 10 Catechismo 9 Storia sacra 10 Lettura e nomenclatura a voce 10 Grammatica a voce 7 Composizione 6 Aritmetica a voce 7 Geografia e storia 8 Scrittura 6</p> <p>Esito finale: promosso.</p>
<p style="text-align: center;">ANNO SCOLASTICO 1882/1883</p> <p>Classe seconda della sezione Superiore delle Elementari. Composta di 31 scolari. Calabria Giov anni:</p> <p>Condotta 10 Catechismo 9 Storia sacra 9 Lettura e nomenclatura a voce 9 Composizione 7 Aritmetica a voce 7 Scrittura 6</p> <p>Esito finale: promosso.</p>	<p style="text-align: center;">ANNO SCOLASTICO 1885/1886</p> <p>Classe quarta della sezione Superiore delle Elementari. Composta di 38 scolari. Calabria Giov anni:</p> <p>Condotta 9 Catechismo 9 Storia sacra 9 Lettura e nomenclatura a voce 9 Grammatica a voce 7 Composizione 6 Aritmetica a voce 5 Geografia e storia 6 Scrittura 6</p> <p>Esito finale: ripara in Composizione e Aritmetica. Esami autunnali: non comparso.</p>



ANO VOCACIONAL ESTIGMATINO.
PIO X E OS ESTIGMATINOS

"Folheando as crônicas do nosso Instituto no solene ano Mariano, que entre as suas datas mais memoráveis enumerou a canonização de S. Pio X, descobrimos aqui e ali, pequenos documentos que testemunham com singeleza algumas relações tidas entre o Santo Padre Pio X e os PP. Estigmatinos.

O meigo Papa da Eucaristia, amável para com todos, usou para conosco de certos lances de benevolência que hoje são motivos de grande e santo orgulho.

Relatemos sem requintes as notas mais interessantes e saboridas que deparamos na leitura da história íntima da nossa Congregação.

Padre José Sarto, passando por Verona, foi recebido como grato hóspede na nossa casa de formação pelo então superior. Pe. João B. Marani. Foi ele mesmo, já Papa, quem recordou com saudades esse primeiro encontro com os Estigmatinos, palestrando com o novo Superior Geral, Pe. João B. Tomasi.

Bispo de Mântua, conheceu mais de perto o Instituto. Certa vez pediu dois padres de Verona para pregar os Exercícios Espirituais ao Clero da sua Diocese e grandemente se admirou por ver que eles recusavam a devida recompensa, mas o Santo Bispo, sempre compreensivo, os coagiu a aceitar.

Patriarca de Veneza, escreveu em 1896 ao nosso Superior solicitando com delicada insistência um ou mais padres para dirigir o Oratório de S. Jô, em Veneza, naquele tempo aos cuidados dos Irmãos Canossianos. Entre outras coisas dizia-se até disposto, se necessário, a converter os Irmãos Canossianos em Irmãos Estigmatinos.

Papa, numa audiência concedida a uma sobrinha de Gemona, pediu informações acerca dos Padres Estigmatinos que lá trabalhavam, e presenteou-os com duas medalhas e uma fotografia com um autógrafo cheio de encorajamento.

Apreciou patentemente a vigorosa inteligência e o profundo espírito de fidelidade à igreja do Pe. Ricardo Tabarelli, Estigmatino, ao qual o bondoso Papa confiou questões delicadas e dedicou um atencioso autógrafo, cujo original é religiosamente conservado, com o qual se congratulava pela publicação do seu tratado "De Gratia" que o Pontífice examinou atentamente numa tarde sem audiências.

Porém a demonstração mais evidente da sua consideração para com a Congregação Estigmatina e que mais nos obriga a um terno reconhecimento, foi o seu desejo de pessoalmente entregar ao Apostolado dos Estigmatinos a Basílica de S. Cruz, erigida em Roma com as ofertas de todo o mundo, em memória do XVI centenário Constantiniano.

CARTA DE SÃO PIO X AO PADRE RICARDO TABARELLI

Revmo. Padre: Monsenhor de Montel me trouxe esta manhã o caro presente que o Sr., se dignou fazer-me do Tratado "DE GRATIA" que publicou.

Nesta tarde, não havendo audiência, li tranquilamente todo o índice e observei vários artigos; devo congratular-me com o Sr., pois, como verdadeiro mestre, expôs a doutrina com tanta clareza, deduziu as conclusões com tanta lógica e refutou as objeções com provas tais, que melhor não se poderia desejar.

Portanto o felicito vivamente com os votos de que os seus alunos, correspondendo aos seus desvelos, lhe dêem as mais caras consolações. Ao Senhor, aos seus estudantes, ao seu Instituto Religioso, a Bênção Apostólica.

Aos 04 de abril de 1908.

Pius P.P. X.

Ao Revmo. Padre Ricardo Tabarelli dos Padres Estigmatinos.

(Ecos Estigmatinos – nº. 113 - Págs. 7-8).

••••

(texto original traz a foto)

Pe. Ricardo Tabarelli – 1850 - 1909

Pio XII, que foi seu aluno, toda vez que recebia um Estigmatino, lembrava-se do seu professor.

◆ ◆ ◆

ANO VOCACIONAL ESTIGMATINO

A ATITUDE (DE PE. GASPAR) COM A POLÍTICA

Pe. Gaspar viveu em uma época fortemente caracterizada por fatos políticos: Napoleão e Restauração. Viveu a primeira na idade juvenil, a segunda na maturidade e na velhice. Diversa pois a sua colocação. Acompanhou com paixão e documentação, sentindo também pessoalmente a primeira fase.

Como bom veronês, que encontrou as "novidades" através das "Pasquas Veronesas" (1797), custou para aceitá-las. Ao contrário, pela sua corajosa atividade no meio dos jovens com os Oratórios Marianos, foi logo suspeito. Em 1806, foi "vigiado pela polícia, sofreu a supressão dos Oratórios em maio de 1807, teve que agir com extrema cautela. Afirmando com o Sommacampagna: "Suportou muitas dificuldades do Governo Francês". (Vita e Pensiero... N. D. Vedove).

Quanto às vicissitudes de Pio VII e Napoleão, com as conseqüências dolorosas em nível de Igreja local, Pe. Gaspar mostra-se perfeitamente informado. Escreve de próprio punho documentos importantíssimos. Um exemplo! "A relação da prisão e deportação do Sumo Pontífice Pio VII acontecida no dia 06 de julho de 1809" escrita por Pe. Gaspar é bem diferente da que se encontra na Biblioteca de História Moderna e Contemporânea de Roma (idem). Um particular não secundário, a demonstração de um Bertoni apaixonado e bem documentado, mesmo em uma época em que os documentos circulavam de modo clandestino (idem).

Esta atitude de atenção e de documentação toma-se clara tomada de posição, nas exortações dominicais aos Clérigos do Seminário: "vergonha de mendigar honras e benefícios cortejando pessoas de alta categoria, de tornar-se escravos da opinião do mundo ou do respeito humano, na sua vida, na pregação, no confessionário" (MS 2238).

Por isso, na sua documentação privada, encontram lugar de destaque aqueles documentos que enfeixam as corajosas tomadas de posição de grupos de Bispos, que enfrentam o modo de agir de Napoleão, profeticamente afrontado ("Se nós calássemos a verdade por motivos humanos, nos conspiraríamos diante de Deus ..." (idem - D.Vedove). Máxima liberdade e altivez de espírito, portanto.

Os acontecimentos mudaram. Vieram os Austríacos. Foram inevitavelmente recebidos como elementos de tranqüilidade. Mas foi bem depressa uma tranqüilidade aparente. Os problemas, velhos e novos, agitaram sempre os ânimos. Eis então uma sábia e previdente observação de Pe. Gaspar: "O próximo tempo - escreve a Naudet em 1828 - em que os ânimos estarão ocupados com temor de agitação política, poderia ser talvez o mais ajustado para as coisas de Deus. Os bons abrem os olhos, os maus distraem-se com outras coisas. Rezai sem parar: eu fiz e farei fazer aquilo que posso. É preciso rezar e não parar" (Epist. pág. 66). Não mais existe um tempo neutro. Deus sempre age e escreve, sobretudo nos momentos de crise.

Poder-se-ia logo alargar o conceito espiritual de "Escola de Deus", que na espiritualidade bertoniana normalmente é ligado com o mistério do sofrimento. Também os acontecimentos sociais e políticos são para Pe. Gaspar "Escola de Deus"!

Também diante da visita dos soberanos austríacos às Escolas dos Estigmas (1825), instante que poderia ter sido utilizado para a própria ambição, foi ao invés considerado à luz da Palavra: "parece que foi marcado pela Providência para estes dias; mas lembra-se: é melhor esperar no Senhor do que esperar nos príncipes" (idem Episto - p. 175).

O ano de 1848 reservará à Comunidade dos Estigmas tristes surpresas: "as más línguas se soltaram... e os Estigmas foram alvo de tramas e insídias dos 'libertinos', que haviam ficado de olho nos seus bens e procurado sua ruína" (Summ. Add, n. 173). Pe. Gaspar, mesmo naquela hora "teve coração para rezar e insistir - diz o Lenotti – sobre a máxima católica da fiel sujeição devida aos Soberanos e a todas as Autoridades" (Summ. Add. n. 179). No final. Pe. Gaspar aborrecia o pecado de "revolução" como "um dos pecados mais graves", ou "o maior de todos» porque trazia consigo todas as conseqüências (idem, n, 172). Não atraiu, pois, as simpatias dos "libertinos", embora um tardio, mas objetivo testemunho de om liberal: "foi dito que eles - os Padres dos Estigmas - eram contrários a todo o nosso trabalho para constituir um povo livre. Não sei o que pensam no seu coração, mas tenho o direito de perscrutar. Eu vou ao fruto da árvore e quando ela dá bons frutos faço votos que prospere" (G.B. Montanari, Che fare? p. 44). Tudo isto terá um eco nas Constituições, onde, entre os meios para a própria perfeição, Pe. Gaspar colocará: "a perfeita observância de todos os preceitos divinos e humanos» eclesiásticos e civis" (CF 49).

Debaixo de uma análise atenta, o termo "conservador" que frequentemente se aplica a Pe. Gaspar, embora tecnicamente exato, é de fato profundamente inadequado. Fica-lhe muito restrito. Bem mais além vai a sua atividade. Na verdade quis e soube ser um tenaz, se bem que cordato "contestador", nos momentos em que era necessário. E sobretudo sua ação foi constantemente voltada para uma verdadeira e real promoção do homem, através de uma autêntica evangelização, muito acima dos entusiasmos fáceis ou dos repentinos abalos.

(De "A SENSIBILIDADE SOCIAL DO BEM-AVENTURADO GASPAR BERTONI – Pe. Giancarlo Bregantini Css - n.9).



ANO VOCACIONAL ESTIGMATINO

AS ESCOLHAS DE SÃO GASPAR EM RELAÇÃO AO DINHEIRO

A orientação teórica de Pe. Gaspar quanto ao dinheiro é acenada de maneira apenas suficiente, em uma carta à Naudet:

“O dinheiro não pode ser oferecido a juros, o que seria abertamente usurário. Receba-o e o conserve até que possa usá-lo para alguma utilidade frutuosa ou algum outro contrato lícito” (EP pág. 234).

É a clássica posição da moral social do século XVIII. "Parece – anota o Pe. Stofella sobre este trecho – manter-se fiel à disciplina mais antiga, que, em razão do próprio empréstimo, isto é, por motivos intrínsecos, mas só por motivos extrínsecos".

Esta posição teórica, no fundo, é a razão orientadora para a aquisição das propriedades de Sezano, que custou 160.000 libras austríacas.

Além da "utilidade frutuosa", as propriedades de Sezano foram adquiridas por Pe. Gaspar para que a obra fosse durável e não passageira com a sua morte.

Foi executor escrupuloso de tudo que conseguiu relacionado à gestão dos bens eclesiásticos resgatados, incluindo as causas em tribunal, com um “mar de litígios e confusões”. Mas a razão orientadora não era aproveitar-se da vitória legal sobre o contendor e sim a escrupulosa manutenção dos bens pertencentes à Jesus Cristo e à Igreja, dos quais ele era somente o representante.

“Não é lícito liberar de um ‘aluguel’ em prejuízo do legítimo dono, que no caso proposto é Cristo Nosso Senhor e do administrador, a Igreja” (EP pág. 214)

É mais que a manifestação de uma informação jurídica; é sobretudo a expressão de uma atitude de desinteresse e de espírito de serviço que Pe. Gaspar manifesta mesmo em relação aos próprios bens pessoais. Justamente a atitude precisa e fiel do administrador!

a) DIANTE DAS HERANÇAS

As escolhas de Pe. Gaspar diante do dinheiro aparecem claramente nas suas tomadas de posição na firme recusa de qualquer herança, de qualquer oferta extraordinária e de toda doação particular. Só aceitava as ofertas das Missas! Os fatos são bem conhecidos. Alguns são mesmo “clássicos”, como a recusa da herança Cartolari, cuja aceitação seria muitíssimo “justificada”, já que o Pe. Cartolari era membro legítimo da Comunidade. Bem diferente portanto do caso da bolsa de ouro deixada sobre o altar e a oferta de 100 talheres, chegada num momento crítico, justamente quando Pe. Gaspar estava começando a construção do convento, mas igualmente recusadas, embora pudesse usar de muitos motivos plausíveis para aceitação.

A atitude de Pe. Gaspar era pois plenamente dividida por toda a sua comunidade.

Além do mais Pe. Bertoni se acostumara a este tipo de escolha diante do dinheiro desde a sua juventude, experimentando, nos conhecidos problemas de sua casa, a fugacidade e a precariedade dos bens terrenos. O "Pai nosso" invocado com espírito franciscano, tornara-se

um símbolo. E a este costume havia habituado os seus clérigos nas meditações dominicais: "desejar o Céu e nunca os bens da terra, nem as honras do mundo". (meditação 14).

b) RELACIONAMENTO COM OS DEPENDENTES

Pe. Lenotti conserva um precioso testemunho de como Pe. Gaspar tratava os seus dependentes na propriedade de Sezano.

"Quase toda a renda que tirava das suas terras, a consumia na conservação das torrentes, e feitas sem miséria e com toda a solidez e perícia; em grandes plantações, na conservação das terras e na restauração precisa e sólida das casas dos seus colonos; e outros mil trabalhos na roça e na cidade, que eram infinitos; assim trazia grandes vantagens aos artífices e aos "boia-frias", e aos quais encontravam junto de Pe. Gaspar um serviço em qualquer estação do ano, com grande lucro e conforto para eles".

É de extraordinária atualidade aquele inciso: "encontravam junto de Pe. Gaspar um serviço em qualquer estação do ano". É a imagem de uma atitude de justiça social ativa, empreendedora, "promocional", quase empresarial. Pe. Gaspar não tem medo do dinheiro, administra-o porém com atenção e com dedicação social" Não é São Francisco, mas tem um espírito franciscano.

(A sensibilidade social do Bem-aventurado
Gaspar Bertoni – 3ª. Parte – nº. 04)

(continua)



ANO VOCACIONAL ESTIGMATINO

AS ESCOLHAS DE S. GASPAR EM RELAÇÃO AO DINHEIRO (continuação)

c) ATENÇÃO PARA COM OS POBRES

Pe. Lenotti conservou também este testemunho sobre o relacionamento com os pobres que diariamente batiam à porta do Convento dos Estigmas:

"Em certas ocasiões e circunstâncias era tão generoso, que parecia pecar por prodigalidade. Além das esmolas diárias, que há muitos anos fazia na porta a uns 50 e depois 70 pobres, aos quais cada dia, dava uma tira de polenta (como se continua até hoje), continuamente abria a mão a muitas outras pessoas necessitadas que então vinham pedir-lhe auxílio, algumas das quais levavam também grossas esmolas (...) embora seja verdade, alguma vez, ou para por um limite de discrição ou por circunstâncias daqueles que pediam, ou por outras razões de sua prudência, sempre com reta finalidade, também negasse a alguns" (Summ. Add., p. 178).

Mesmo permanecendo na linha da caridade assistencial, Pe. Gaspar demonstra uma solicitude verdadeiramente grande, para poder prover diariamente a um numero tão grande de pobres!

d) A ASSISTÊNCIA AOS MORIBUNDOS

Ligado ao uso do dinheiro, está o sistema de enfrentar um problema bastante espinhoso: "o modo de visitar e assistir o próximo em perigo de morte". Pe. Gaspar dedica-lhe um capítulo especial nas suas Constituições. Aqui não nos interessa tanto o aspecto pastoral, quanto o humano e social. E o caso, toma-se uma abertura típica de uma sociedade e de uma sensibilidade.

Pe. Gaspar antepõe uma costumeira chamado de atenção a todos: "Quando um dos nossos for chamado para assistir um enfermo seja pobre ou rico, com esta ou aquela doença, em qualquer hora do dia ou da noite, atenda imediatamente!" (CF 292).

É conhecido, porém, como muitos sacerdotes caíssem na tentação de intrometer-se, muitas vezes com interesse pessoal, na compilação do testamento. A caça ao testamento é uma das acusações mais agudas, lançada ao clero, pelos romances e pelo povo.

Eis então as prudentes prescrições de Pe. Gaspar: "exorte o enfermo a dispor dos seus bens (...) a redimir suas culpas com esmolas, a perdoar as ofensas recebidas (..) exorte (...) mas não assista a compilação do testamento" (CF 293 e 294).

Há também um aceno às eventuais exortações no caso: "restituir os bens alheios, pagar as dívidas, garantir os herdeiros necessários, de tal modo que se evite toda ocasião de rixas e demandas (...) mas não convém descer aos pormenores" (CF 295). Sábias exortações, como cada um de nós muito bem o sabe!

Quanto, porém “àqueles bens que o enfermo pode dispor livremente”, com a máxima firmeza Pe. Gaspar prescreve (“observem as conseqüências”): “Nenhum dos nossos permita-se incitar alguém a deixar esmolas perpétuas a igrejas ou casas da Congregação” (CP 297).

5. A GRATUIDADE

Como muitas vezes se afirmou, a sensibilidade social de Pe. Gaspar às vezes se une tão estreitamente às atividades pastorais, que se torna um elemento essencial constitutivo. Pois bem, mesmo nos confrontos da sua Congregação surge uma constante linha de gratuidade, que impressiona.

O estilo com que de fato Pe. Gaspar fundou e dirigiu sua Congregação foi sempre um estilo de profundo amor, mas também de desapego e desinteresse. Eis algumas amostras:

- Jamais fez proselitismo para a sua Congregação. Das cerca de oitenta vocações religiosas e sacerdotais que surgiram nas suas escolas, somente três foram para os Estigmas. É conhecido o seu lema: “Em questão de vocação, ao invés de forçar, é bom deixar o cuidado para Deus”;
- trilhou o caminho da fundação com muita prudência, talvez lentidão, parecendo quase relutância (“Jamais prevenir a Deus...”);
- jamais deu um passo preciso e oficial para o reconhecimento de sua obra;
- à chegada dos Jesuítas em Verona (1837), quis imediatamente oferecer-lhe não só a hospitalidade em alguns lugares (Abandonados ou Trindade), mas até mesmo o próprio Convento dos Estigmas;
- coloca aos pés do Papa Gregório XVI as propriedades de Sezano, recém adquiridas, disposto a qualquer decisão do Papa, em relação àqueles bens;
- a lenta destilação (“gota a gota”) das Constituições, mostra a penetrante e sofrida maturação do projeto.

São alguns momentos de uma vida vivida em estilo de doação e desinteresse.

Hoje o seu ensinamento é particularmente considerado. Sobretudo o Estigmatino que trabalha no meio da juventude ou no mundo sócio-político, encontra na ação gratuita de Pe. Gaspar uma forte motivação teológica e espiritual. Um estilo que se toma hoje escolha e instituição no “voluntariado”, na educação para o trabalho civil, no costume de dar sem pretender retorno, no desinteresse na política, na colaboração gratuita (de dinheiro e de merecimento) para a consecução de iniciativas promovidas por outros (pessoas ou instituições), (...) num modo profético e antecipador de administrar bens e ofertas dentro das paróquias. São somente alguns exemplos, para mostrar como são fecundas as instituições de Pe. Gaspar!

Costumava repetir: “O espírito de pobreza, o desinteresse, corta a raiz de todos os vícios, e levando à humildade, introduz todas as virtudes, e nisto consiste a perfeição” (MS 4929).

(A sensibilidade social do Bem-aventurado
Gaspar Bertoni – 3ª. parte – n.ºs. 4 e 5).



ANO VOCACIONAL ESTIGMATINO

AS ESCOLHAS DE SÃO GASPAR (cont.)

6. A FUNDAÇÃO DOS ABANDONADOS

A comunidade dos Estigmas, à saída do Bragato (05 de julho de 1835) para a Missão de Viena, estava em pleno florescimento, contando com 12 sacerdotes, 04 irmãos e dois clérigos estudantes. Era natural, pois, um impulso na fundação. Por providencial coincidência, a casa dos "Abandonados" ficava livre justamente naquele ano. Pe. Gaspar a recebera como herança em forma do legado do Galvani. Tratava-se de uma casa – fundada em 1573, pelo esforço do Bispo Cardeal Agostinho Valério, com a finalidade de recolher meninos que vagavam esmolando pelas ruas - e de uma “igrejinha mal acabada e necessitada de imediata reforma”, sob o título de S. Maria del Giglio. A região era um dos bairros mais populares e pobres de Verona. Foram grandes as insistências do pároco de S. Estevão, Pe. Caetano Martinelli, para conseguir este providencial auxílio.

E assim seguidas de todas estas circunstâncias surgiu a primeira fundação dos Estigmatinos.

Escreve o simpático Pe. Gramego:

“1º de março de 1836. Foi feita a Missão nos Abandonados em S. Estevão para começar a fazer um pouco de bem; para lá definitivamente foram o Pe. João Maria Marani, com Paulo Zanolli: o primeiro com pouca saúde, o segundo bastante cansado e bastante acabado”.

É muito significativo o fato de ter sido escolhido justamente um bairro popular, abandonado e extremamente necessitado. Diria quase, que foi e continua sendo um gesto paradigmático, para qualquer tipo de nova fundação, na Itália e no exterior.

Ainda muito significativo o fato de ir para aquela região os melhores elementos, os mesmos que haviam colaborado com Pe. Gaspar na fundação dos Estigmas. O trabalho, como é sabido, foi continuado depois com muitos frutos pelo Pe. Francisco Benciolini que tornou-se, com o Oratório e o confessionário, o Apóstolo daquelas bandas.

Um flash da atividade do Pe. Marani, empenhado nos problemas do bairro e da cidade, é fornecido por Pe. Gaspar em uma carta ao Pe. Bragato (1º de dezembro de 1837):

"Pe. Marani (...) nos dias de aula está nos Estigmas, à tarde e nos dias feriados nos abandonados (...) onde confessa muito e com grande fruto para aquele bairro. Nas outras tardes mantém uma conferência moral (...) resolve os casos mais intrincados (...) e examina os clérigos e continua recebendo penitentes de todo tipo, a toda hora, interrompendo o almoço, a janta, retardando o descanso”.

Nesta última frase, está todo o estilo de serviço do Estigmatino: máxima doação e plena disponibilidade aos outros, a qualquer hora e em qualquer circunstância, principalmente com os

pobres. Uma escolha que se tornou confirmada, mesmo em nível institucional, com esta nova fundação.

7. Tudo quanto se disse a propósito da gratuidade e da sensibilidade de Pe. Gaspar, encontra uma imediata correspondência em alguns fatos concretos, que se tornam como que a concretização pastoral da linha espiritual e teológica de Pe. Gaspar.

a) O CATECISMO DA QUARTA CLASSE

Tratava-se de uma especial instrução catequética, que se fazia em Verona entre as duas festas de Santa Cruz (invenção: 03 de maio e exaltação: 14 de setembro), dirigida sobretudo para o povo mais pobre e mais rude.

Pe. Stofella afirma que esta "é talvez, a obra mais importante do apostolado de Pe. Gaspar", porque segundo o testemunho do Pe. Lenotti, "este ministério estava-lhe profundamente no coração".

Não podemos aqui seguir as várias instruções feitas por Pe. Gaspar e seus primeiros filhos. Elas são apresentadas com especial cuidado e em grande quantidade, pelo Pe. Dalle Vedove. Saliento aqui somente o reflexo que esta importante atividade teve nas Constituições: "É sua obrigação não somente ensinar as verdades necessárias ou úteis para conseguir a vida eterna, com pregações, exercícios, aulas, mas também explicar os primeiros elementos da fé e da moral especialmente às "crianças e às pessoas ignorantes nos Oratórios e nos catecismos públicos e privados. Esta ação é também sumamente útil à Igreja; e por isso seja-lhes sumamente recomendada" (CF 182).

Especifica depois muito claramente: "É sua obrigação ouvir as confissões de todo tipo de pessoas, especialmente dos pobres e das crianças, e orientá-las para a devida freqüência aos Sacramentos" (CF 183 - 165).

Indicações assim tão claras, encontram hoje, aplicação imediata em qualquer plano pastoral de qualquer comunidade estigmatina!

(A sensibilidade social do Bem-Aventurado
Gaspar Bertoni - 3a. parte nº. 06 e 07).

